



# A febre mitológica e a poética de Mieleťinski

Jerusa Pires Ferreira

## Um caminho: o sistema

Conheço há muitos anos o trabalho de E.M. Mieleťinski, sua colaboração aos *Cahiers de Littérature Orale*<sup>1</sup>, em que resenha as posições de estudiosos do mito e do folclore, sua efetiva contribuição ao estudo estrutural do conto popular. Em alguns dos seus trabalhos dá relevo à contribuição de Propp, discute e critica o índice de motivos proposto por Aarne e Thompson, utilizado há décadas pelos estudiosos de narrativas<sup>2</sup>.

Do seu grande conjunto de estudos, de que só desvendei uma parte e outra pude seguir através de sumários em inglês e francês, apensos a edições russas, chega-se a uma amostra de seu percurso e vê-se como está empenhado em analisar as narrativas míticas de modo sistêmico. Ao estudar, por exemplo, as estórias do corvo, num ciclo épico original, em *O epos mitológico paleasiático*<sup>3</sup> procura ver as relações entre o corvo, as divindades celestes e as narrativas populares produzidas a partir daí. Assim também em *Introdução à poética histórica da épica*<sup>4</sup>, acompanha o modo pelo qual o épico se encontra na mais íntima relação com os rituais ancestrais e o complexo mítico. Avança dizendo que, desde o começo, pode o épico se desenvolver fora do ritual, mas que termina permanecendo dentro dele, que teria aparecido sob a forma de narrativas mitológicas sobre heróis que modelam a comunidade como um todo.

Alguns dados da Enciclopédia Soviética<sup>5</sup> ajudam a entender melhor o seu trajeto teórico:

Nascido em Kharkov, na Ucrânia, em 1918, teórico da literatura e folclorista soviético. Concluiu o curso universitário em 1940, e seus trabalhos principais são dedicados ao estudo histórico-comparativo do folclore. Reunindo dados da etnografia e do folclore dos diferentes povos do mundo, passou Mieleťinski a elaborar problemas da origem dos gêneros narrativos. Mencionam-se aí alguns de seus trabalhos: *A origem do epos heróico*; *Primeiras formas e monumentos arcaicos* (1963), que suscitou ampla discussão, e *O epos popular-teoria da literatura* (1964).

Lançado em tradução brasileira<sup>6</sup>, *A poética do mito*<sup>7</sup> é sem dúvida um corpo de reflexão amplo e aturdidor, que se estende tentando cobrir os mais diversos tipos de estudos e de focos do problema mito/mitologias, a relação das filosofias do mito, da literatura e do folclore, o desenvolvimento das narrativas tradicionais. É uma empresa muito arrojada traduzir do russo para o português um trabalho como esse, e mais, nas condições em que sabemos trabalhar o tradutor no Brasil. É preciso para tanto um intenso convívio com o tema e à própria dificuldade que provém da diferença de terminologias, a partir do "espírito" da língua e da história social das palavras, junta-se um mergulho na antropologia, com sua forma de expressar, com seu vocabulário próprio. Por isso se pode dizer que o tradutor Paulo Bezerra conseguiu, apesar de tudo, passar com garra o texto do autor.

## O projeto e A summa – ou a razão do mito

Este livro de Eleazar Mieleťinski, de projeto tão amplo, segue o itinerário de algumas

## JERUSA PIRES FERREIRA é

professora livre-docente da ECA-USP. Estuda temas medievais, narrativas e livros populares. Autora de *Cavalaria em cordel*. São Paulo, Hucitec, 1979, e de *Jornadas impertinentes* (org.). São Paulo, Hucitec, 1985. Revê para publicação *No metal da fala*, três estudos sobre poesia popular, e *O livro de São Cipriano, uma legenda de massas*. Trabalha em pesquisa com os *Faustos* populares.

**A POÉTICA DO MITO**, E. M. Mieleťinski, Editora Forense Universitária, Rio de Janeiro.

- (1) "Principes Sémantiques d'un nouvel index des motifs et des sujets" in *Cahiers de Littérature Orale* 2, Paris, 1977.
- (2) Creio indispensável hoje, qualquer que seja a crítica feita. Aliás, Claude Bremond, que com tanto entusiasmo acolheu a obra de Propp, declararia com muita graça que os estudiosos enchem a boca de Propp, mas se servem mesmo de Aarne e Thompson.
- (3) *O Epos mitológico paleasiático* (em russo), Moscou, Ed. Nauka, 1979.
- (4) *Introdução à Poética Histórica da Epopéia e do Romance* (em russo), Moscou, Ed. Nauka, 1986.
- (5) Pomerantzeva, E.V. "E.M. Mieleťinski" in *Enciclopédia Literária Sucinta* (Kratkaia Literaturnaia Entsiopliédia), Ed. Enciclopédia Soviética, Moscou, 1967. V. também Maranda, Pierre (editor). *Soviet Structural Folkloristics*. Amsterdam, Ed. Mouton, 1974.
- (6) Mieleťinski, E.M. *A Poética do Mito*. Rio, Ed. Forense Universitária, 1987: a partir do original russo *Poética Mifa*, publicado em primeira edição pela Ed. Nauka, Moscou, em 1976. Não consta haver outra tradução no Ocidente.
- (7) V. comentários sobre livro e tradução em resenha de Aurora Bernardini, em *O Estado de S. Paulo*, 13/8/88.

de suas formulações anteriores. Retoma aqui e ali as picadas que tinha aberto e define, desde logo, tendências críticas. A primeira parte é um *survey* sobre a reflexão e as investidas interpretativas sobre as formas do mito. Desenvolve-se numa precipitação quase vertiginosa, que nos deixa a sensação de grandes hiatos, e não apresentaria maiores novidades em relação à grande bibliografia que há sobre o assunto<sup>8</sup>, se não fosse a clareza de um método, que é aí exercitado com perfeição, a coerência de sua proposta. O pensamento crítico do autor vai ao encontro de um grande panorama, que procura transformar em sistema.

De tendência igualmente panorâmica é o livro *Il Mito* de Furio Iesi<sup>9</sup>, estudioso italiano. Aí, procura o autor dar conta do conjunto de pensamento sobre mito, escolhendo momentos que considera verdadeiramente detonadores de mudanças. Segundo sua própria definição, segue o método de Walter Benjamin; vai privilegiando citações que formam um tecido, tendo em vista “balear” aquilo que é mais proeminente. Atua, retendo os flagrantes, e define-se como um compositor de “citações”, não descartando nunca o teor ideológico das análises feitas. É muito importante comparar os dois conjuntos que, apesar de grandes concordâncias quanto à seqüência do repertório escolhido, a valorização de determinados momentos do pensamento sobre o mito, se constroem a partir de perspectivas tão opostas. Iesi está preocupado com a conceituação ideológica, questões de política e de ética do mito, enquanto E.M. busca a “semiose”, procura alcançar a construção do mito enquanto sistema de relações e enquanto linguagem. Empenha-se em deslindar a relação mito/folclore/literatura no processo da própria crítica filosófica, em conectar passagens de antropologia à crítica da literatura e à poética da criação. O livro de Furio Iesi é uma tentativa de circunscrever o conceito de mito, mediante uma operação crítica de dados, doutrinas, fatos. O de Mielefinski é a análise do próprio conceito de mito numa rede de relações sistêmicas. Iesi destaca por exemplo um autor como Kerényi, os mitólogos alemães, e Mielefinski traz a originalidade de procurar estabelecer a conjunção dos estudos soviéticos aos ocidentais e vice-versa.

À primeira página de seu livro introduz E.M. o filósofo russo soviético Lóssiev, que considera o maior dos estudiosos de Platão. Passando pelos românticos alemães, ao tratar da re-mitologização na filosofia e na literatura, tema de tão profundo alcance, em grandes saltos, tenta recuperar o pensamento de Thomas Mann e chega até Roland Barthes, retendo-lhe a noção de que a atualidade é um campo privilegiado para a mitologização e que a noção de mito transforma a história em ideologia.

Mas E.M. é muito claro ao dizer que aborda os mitos políticos apenas de passagem, visando à interpretação dos processos do mito em si, seu modo de ser, procurando reunir o pensamento etnológico e o crítico. Põe ênfase então em que o mito se tornou um dos conceitos centrais da sociologia e da teoria da cultura no século XX, apontando também o fato de a própria sociologia se ter psicologizado fortemente, por causa da popularidade da psicanálise. Passando pela antropologia, detém-se em Frazer, e procura ligar o ritualismo à escola sociológica francesa, e também no funcionalismo de Malinowski. O que vai impressionando, desde o começo do livro *A poética do mito*, é o volume de leituras e de reflexões que foi preciso fazer, para realizar esta *Summa*, onde a operação crítica se intensifica e é, em geral, bem sucedida. Deixa-nos, no entanto, em algumas passagens, a sensação de vertigem e de vácuo, de lacuna e de deslocação; em outros momentos, conduz a uma tal viagem à aventura do pensamento, coloca-nos diante de um conjunto impactante que nos convida a seguir e a tentar organizar os princípios de uma lógica própria, fundamental e fundante: “a razão do mito”.

Levando em conta que a edição russa de *A poética do mito* é de 1976, impressiona a atualização de E.M. correndo a par do pensamento ocidental e sobretudo inglês, e a sua determinação é como a de ir revendo cada ponto. Ao passar por Jung, aproveita para divulgar o trabalho do crítico soviético S.S. Averintzev, que a partir do filósofo suíço busca os modelos mitológicos da literatura ficcional do século XX. Se não polemiza com o autor, aproveita, no entanto, para fazer uma lúcida crítica à teoria dos arquétipos a que dedica muitas páginas, apontando a existência de monografia conjunta de Jung e Kerényi, *Introdução à essência da mitologia*, na qual são estudados os mitemas do “Menino Deus” e da “Virgem Maria”. Resenha também os trabalhos de J. Campbell, e principalmente *Masks of Gods*, autor que conheci, estudando o “romance” arturiano. Aí sim, comenta e põe-se em oposição aos mal-entendidos a que pode levar uma teoria mítica como a de Campbell. E é nesta seqüência de obras sobre mitos e suas teorias, nesta operação que começa como uma vasta resenha, que E.M. vai aclarando suas posturas e construindo um método de trabalho renovador e eficaz: o de comentar e aproveitar as posições mais divergentes e, ao fazê-lo, termina sempre por situar-se. Crítica, por exemplo, Mircea Eliade quando da representação mitológica do tempo como sistema metafísico, na própria forma de concepção cíclica do tempo, mas considera indispensáveis suas formulações para a compreensão de alguns aspectos do mitolo-

(8) Weimann, Robert. *Literaturgeschichte und Mythologie*. Frankfurt, Suhrkamp Verlag, 1977, analisa o repertório desde outro ponto de vista; também Righter, William. *Myth and Literature*. London, Routledge and Kegan, 1975.

(9) Iesi, Furio. *Il Mito*. Milano, Isedi, 1973. /Enciclopedia Filosofica Isedi/.

gismo do século XX. Lembra que ele modernizou a consciência mitológica, percebendo que, para além do tempo histórico, havia um outro tempo, que não é o profano, mesmo levando-se em conta uma exagerada identificação do mito ao ritual, que remete a Frazer.

### A famosa discussão

O Capítulo "O estruturalismo" é dedicado à retomada da importante polêmica Propp/Lévi-Strauss, apontando e reconhecendo neste último a variação mais ampla dos limites do contexto etnocultural. Já no primeiro dos textos de E.M. a que tive acesso, *O estudo estrutural e tipológico do folclore*<sup>10</sup>, encontra-se a discussão crítica sobre a contribuição de Lévi-Strauss aos estudos da narrativa. Comentando a famosa polêmica deste com Propp<sup>11</sup>, explica o mal-entendido pelo fato de que um estudava os contos maravilhosos e o outro os mitos "primitivos", concluindo

(10) "Étude Structurale et typologique du folklore" in *Revue de Sciences Sociales* 3, Moscou, 1973. Também traduzido e publicado em *Semiótica Russa*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1972.

(11) Propp, V. *Morfologia do Conto Maravilhoso*. Rio, Ed. Forense Universitária, 1984.



Banco de Dados

Aleksander Nicoláievitch  
Viesselóvski

com muita agudeza que um queria determinar a estrutura do gênero, enquanto o outro coloca em evidência maior ou menor a lógica da narratividade, mais do que a lógica da criação poética. Vê nos trabalhos de ambos uma ação fecundante sobre o estudo do conjunto do pensamento mítico. Avança comentando a aproximação muito estática ao estudo da mitologia e da imaginação poética que fazem Cassirer, Jung, Suzana Langer, e refere-se a Dumézil e à sua conquista de avaliar a estrutura tri-partite dos mitos e poemas épicos indo-europeus, que valoriza. Considera, porém, que só Lévi-Strauss, aproveitando os métodos operacionais da teoria da informação e da lingüística estrutural, soube fazer ver o mecanismo em funcionamento da criação coletiva de mitos. A divisão, diz ele, em nível de códigos e o estudo do seu dinamismo são grandes aquisições da análise estrutural; que Propp nos sugere uma outra variante de abordagem estrutural, mais precisamente a análise da narração ela própria, e que o caráter narrativo não é somente um dos aspectos do mito, mas a expressão profunda de sua especificidade, consistindo em que no mito o modelo do universo é descrito sob a forma de uma narrativa sobre a origem dos elementos.

Este relevo dado à narratividade se espalha pelo conjunto da obra de Mielefnski, bem como em mais de uma parte de seu trabalho valoriza a contribuição de Greimas e de sua gramática narrativa, inclusive na operação que reduziu as funções elencadas por Propp. Sua posição é sobretudo muito firme em relação a Lévi-Strauss, um autor que na época não era nada grato às tendências da cultura soviética oficial<sup>12</sup>. Daí a importância da avaliação que faz o autor de *A poética do mito* quanto às objeções feitas à obra de L.S., por exemplo, em relação à história, e que considera muito injustas. Amplia a discussão dizendo que o anti-historicismo do estruturalismo e vice-versa são indiscutivelmente exagerados. Conclui que não há uma oposição insuperável entre estrutura e o princípio do historicismo<sup>13</sup> e que Alan Dundes e Harald Weinrich, nem sempre com razão, tantas vezes apontaram o fato de L.S. seguir demasiadamente de perto as receitas da lingüística estrutural. Questiona em L.S. no entanto a rigidez das oposições binárias, e acha que sua conquista mais importante teria sido a profunda compreensão do pensamento mitológico, com o reconhecimento simultâneo de sua importância cognitiva e prática, pensamento este com que se identifica E.M., ao longo de todo o seu trabalho.

Ao retomar adiante o tema da etnologização, quando se trata de interpretar literatura, e cujo ponto de partida foi o ritualismo de Frazer, diz que acredita ter sido isto uma necessidade, a partir das conquistas da antropologia e dos avanços nos estudos de filologia, que trouxe a recuperação dos textos antigos.

Realça, por isso, a contribuição de Jessie Weston, que abriu caminho para a interpretação ritualística da literatura, e aqui lembro mais que isso, que T.S. Eliot confessa a sua dívida para com ela, para com o seu livro *From Ritual to Romance*, sem o qual seria impossível pensar a construção de *The Waste Land*. Ao confrontar o romance cortês com os ritos de iniciação, ela oferece subsídios indispensáveis para o estudo de certa literatura de base ritualística, como o romance de cavalaria em suas modalidades, narrativas ligadas a ciclos lendários, contos maravilhosos populares, etc.

Diz E.M. que, ao contrário do ritualismo culturalógico dos discípulos de Frazer, a crítica mitológica ritualística não se limitaria à análise dos elementos arcaicos que, de uma forma ou de outra, estão ligados à tradição folclórico-ritualística ou mitológica, ou seja, ela ultrapassou os limites nos quais será possível colocar o problema da gênese direta nas raízes mitológico-rituais. Destaca o fato de que esta crítica tenha dirigido grande atenção para Dante, Milton e Blake, escritores que operam diretamente com motivos da mitologia bíblica cristã, e diz, por exemplo, que Dante e Milton são os principais "heróis" de um trabalho teórico fundamental como o de M. Bokin. Um detalhe a ser aqui apontado é o fato de o autor não dar maior importância à mitologização em Dostoiévski<sup>14</sup>.

Dedica muitas páginas ao comentário sobre Frye e o seu livro *A assimetria assustadora (The Fearful Symmetry)*, estudo de fato indispensável para desvendar alguns aspectos da relação mito/literatura, e para entender os fundamentos do processo de criação artística.

Lembra, a partir daí, que Fergusson propõe a experiência da análise de criadores como Dante, Wagner e Valéry, nos termos em que se analisam os "gêneros" folclóricos primitivos. Aliás, este é um ponto vital para uma discussão que é muito oportuna:

Hoje, pensa-se em analisar a criação popular com os aparelhos complexos com que se enfrenta a explicação de textos da chamada literatura culta, avaliando-se a tensão e o *écart* entre o coletivo e a criação individual, e não apenas referindo para aquela a etnologia ou a sociologia e para a outra a estética, a filosofia, os instrumentos mais "nobres". Por sua vez, a antropologia, a etnologia, os estudos de folclore e das narrativas populares são aparelhos para se enfrentar o deslinde de obras "cultas", para as quais se reservava a filosofia e a retórica. Toda esta discussão pode parecer muito distante, mas não é; ela transparece no nosso dia-a-dia, nas aventuras que enfrentamos como pesquisadores de literatura popular. Raros são os teóricos<sup>15</sup> que dão à li-

(12) Lembro-me, nos Seminários de Urbino em 1975 e 1976, da avidez dos pesquisadores do bloco do Leste pelos livros de L.S. então impossíveis de serem comprados em seus países.

(13) Está aí a obra do historiador soviético A.J. Gurievitch, fundamental para o entendimento da possibilidade desta conciliação. V. *Mittelalterliche Volkskultur*. München, C.H. Beck Verlag, 1987.

(14) Conforme foi observado no pós-fácio do tradutor Paulo Bezerra.

(15) V. Zumthor, Paul, *La Voix et la Lettre*. Paris, Ed. Seuil, 1987, onde o autor aponta as dificuldades que se têm em aceitar a literatura popular enquanto literatura.





Banco de Dados

Olga Freidenberg (São Petersburgo, 1909)

literatura popular a possibilidade de uma análise para além do legado mítico, do coletivo, do folclórico.

O próprio E.M. Mielefinski, em determinados momentos, incorre em "cacoetes" dos antigos estudos de folclore e fala dos indivíduos como "portadores de folclore", de expressão ingênua, espontânea, etc.

A apoteose se arma quando o autor se concentra no mitologismo, como um fenômeno característico da literatura do século XX, como procedimento artístico ou como visão de mundo. Passa a discutir a presença de escritores conscientemente "mitologizadores" como D.H. Lawrence, T.S. Eliot, Yeats, Thomas Mann ou aqueles como Kafka ou Joyce, em que o elemento mito afirma a unidade de suas poéticas. Creio que há um ponto a levantar em todo este fecho que tem a dimensão de um *gran-finale*: o das mediações entre o mito em si e a sua utilização pela literatura; não me parece bem definido em que medida, em Mielefinski, diferem as várias aproximações. Não serão idênticas, por exemplo, as maneiras de um Eliot ou de um Thomas Mann debruçarem-se sobre o mito; seria necessário o acompanhamento de cada caso para a percepção dos processos, para uma avaliação das relações entre o mito e as literaturas.

### Os estudos soviéticos sobre o mito<sup>16</sup>

Tendo começado seu livro pela menção à importância de Lóssiev, agora neste capítulo em que detalha a contribuição russa, organiza uma trilha a quem se queira iniciar no conhecimento dos estudos sobre o mito, religião, antropologia e lingüística, desenvolvidas na Rússia. Nesta seqüência, muito didática e útil, o autor pede ênfase para as pesquisas semânticas, que podem ser condicionalmente chamadas de linha de Potiebniá nos anos 30, e para as de N.I. Marr. Passa criticamente por aquilo que chama de "paleontologia marrista", sob cuja bandeira atuavam I. Frank, Kaminiétski e Olga Freidenberg, que, segundo ele, nos últimos anos se distanciou muito de Marr, e, ao fazê-lo, apresentou resultados muito criativos. Dedicar-lhe então muitas páginas,

(16) Passo a dar, em anexo, algumas informações colhidas por mim na Grande Enciclopédia Soviética (em inglês) e por Bóris Schnaiderman em fontes russas. Alguns dos nomes citados por E.M., no entanto, são referências muito contemporâneas e ainda não constam dos repertórios. Assim, foi feita uma seleção de alguns autores citados com a intenção de completar informações mais imediatas. A ênfase dada a nomes como Viesselóvski e O. Freidenberg se deve à importância que tiveram como precursores dos estudos contemporâneos sobre narrativas.

passando depois para a contribuição de Golossovker. A postura de E.M. Mielefinski lhe permite ver com olhos despertos a sociologização da Mitologia, linearidade que se criou para a interpretação mitológica no mundo soviético. Ressalta, no entanto, que todas as etapas da tradição da ciência russa se caracterizam pela habilidade de dar o devido valor ao folclore. Os soviéticos, segundo ele, não recorrem ao estudo do ritual e do mito como modelos eternos, mas como o primeiro laboratório do pensamento humano, da metaforicidade poética. O estudo do ritual e do mito sobre o amplo fundamento das tradições folclóricas vinculadas à concepção popular de mundo<sup>17</sup> é um mérito, diz ele, dos cientistas soviéticos dos anos 30. Pelo volume de trabalhos então realizados, podemos concluir que de fato é. Ao comentar Potiebníá, aponta para a demonstração por este teórico de como o simbolismo antigo da linguagem e do mito, como certas relações entre imagem e significado, geram orgânica e legitimamente os tropos poéticos, que não podem ser considerados simples adornos do discurso poético ao modo da poética tradicional.

Quanto à ciência russa e soviética do folclore, o autor mostra que, no plano daquilo que denomina a pré-história do mito no século XX, ela teve um forte papel precursor. Vê Potiebníá e Viesselóvski como precursores do pensamento científico do nosso século, sendo que este último foi um dos primeiros a levantar a importância da etnologia para a compreensão e gênese da poesia e a elaborar em particular uma teoria do sincretismo "primitivo" da arte e gêneros de poesia, tendo como base de tudo os jogos rituais populares<sup>18</sup>. Diz que Viesselóvski foi o antecessor imediato da Escola de Cambridge, propondo uma concepção mais ampla e fundamental da participação dos rituais, não apenas quanto à gênese de temas isolados, mas da poesia e da arte em seu todo.

Neste caso, é inevitável levar em conta a enorme importância da criação popular, no processo de formação de uma chamada "arte da literatura" e de suas possibilidades. Tratando dos clássicos da etnografia russa, traz um elenco informativo de grande interesse para quem estuda cultura popular, mito e etnografia, e que leva a importantes caminhos. São aqui trazidos dezenas de trabalhos que tratam da correlação entre mitologia e religião, religião e filosofia, e de como se moldaram os mitos pela prática de produção e organização social, os diversos costumes e crenças, as primeiras manifestações de desigualdade de classe, etc. Lembro que, aliás, foi neste sentido que caminhou Propp, nem sempre com pleno êxito, em *Raízes históricas do conto popular*<sup>19</sup>.

A revelação das "realidades" e da função religiosa da fantasia mitológica são as perquirições, por exemplo, de um V.S.A. Tókariev, no seu estudo *O que é mitologia*, constatação de como no mito são inseparáveis o material e o "ideal", a partir das interpretações de um Lóssiev, por exemplo. Estas obras, além de revelarem a importância de uma contribuição ao estudo de mito, cultura e religião, de valer pela força muitas vezes pioneira, permitem uma avaliação do lastro em que se apóiam obras de importância indiscutível no século XX, verdadeiros *textes de fondation* para o estudo das poéticas mitológicas e populares de nosso tempo, para o estudo das narrativas e da criação popular como aqueles de Propp e de Bakhtin, cujos antecedentes se deixam aqui entrever.

Não poderia E.M. encerrar este seu panorama, sem comentar a obra de M. Bakhtin, concluindo que são os seus trabalhos que permitem colocar em ótica mais conveniente certos estudos como aqueles de M.A. Lifchitz, para quem todo o sublime no mito tem traços mefistofélicos e revela uma singular poética do mal. Destaca também estudos contemporâneos, entre os quais os de Ivánov e de Tóporov, como operações de reconstituição mítica<sup>20</sup>.

Concluindo, eu diria que o trabalho de E.M. Mielefinski é uma grande *summa mitológica*, uma contribuição firme para os estudos de cultura popular, de mitologia, de literatura<sup>21</sup>. Seu alcance é de largo espectro, e sua originalidade consiste no próprio método da crítica. Faz toda uma exposição e, em seguida, a retoma de modo a poder apontar suas posições e objeções. Neste processo dialógico e muito bakhtiniano, o que ocorre é que se ganha muito em percorrer o teor das informações apresentadas e em poder acompanhar o seu diálogo com muitas das principais teorias do mito e da literatura de nosso tempo.

### A revisão mitológica

O que impressiona é esta espécie de febre, "surto" do mitológico. Deve ter tido grande peso o efeito causado pelos estudos de comunicação, os avanços do estruturalismo, os novos passos dados pela lingüística estrutural e pela semiótica. Os anos 70 apresentam uma longa série de trabalhos, em que as relações entre teoria do mito e teoria da literatura estão sujeitas a uma nova revisão, a uma investida crítica em que comparecem questões como a oposição estrutu-

(17) Aliás, as formulações de Gramsci estabelecem como base este princípio da unidade de visão do mundo do popular.

(18) Foi o que pressentiu Julio Cortazar em *Rayuela* (O jogo da amarelinha), realizando uma transposição genial.

(19) Propp, V. *Las Raíces Historicas del Cuento*. Madrid, Ed. Fundamentos, 1972.

(20) A continuação nos permitirá, a partir de agora, seguir todo um processo de renovação desses estudos na União Soviética.

(21) Seria preciso acompanhar a evolução do autor nestes quatorze anos, entre a edição do seu livro e o momento atual, sobretudo nos últimos anos em que a URSS se abre para o Ocidente.

ra/história, o balanço entre os elementos comunicativos e poéticos. Eu própria participei nos anos de 1975 e 1976 dos Seminários de Urbino, em que se discutiam os caminhos de novas epistemologias, e em que esteve presente sempre a perspectiva mitológica e a análise do mito. Assim também a voga dos estudos estruturais indo-europeus sob novos instrumentos, como é o caso dos trabalhos de Boris Oguibenin<sup>22</sup>.

Se abriremos, a esmo, a gaveta de um fichário de uma grande biblioteca do Ocidente, a partir da chamada Mito, vamos observar uma curva que se acentua na década de 70, na frequência de trabalhos que tratam desta revisão mito/literatura, análise e proposta de metodologias para estudos do mito. Fortes ou fracos, completos ou omissos, eles estão ali como um testemunho desta vaga<sup>23</sup>.

Em sua abordagem psicanalítica, C.B. Clément<sup>24</sup> faz uma passagem crítica pelas matrizes filosóficas do mito, numa tentativa de *mise au point*. Passa por Bachelard e Eliade, Dumézil e Lévi-Strauss, concluindo: "lugar dos fantasmas, o mito alcança a articulação entre o simbólico e o ideológico, e mantém em lugar redes protetoras". O livro de Roger Caillols *Le mythe et l'homme*, cuja primeira edição é de 1938, é retomado em 1972 e traz um capítulo muito precursor, no sentido de busca de um sistema de explicação.

Marcel Détiénne<sup>25</sup> tem se ocupado da reflexão sobre mito, respondendo pela organização de antologias, por artigos em que procura revisar conceitos de L.S., não esquecendo da importância de uma contribuição como a de Jean-Pierre Vernant. Teoriza também de modo mais amplo, trazendo temas como memória, oralidade, escritura. No seu livro *L'invention de la Mythologie*, declara que vinte anos depois da vaga estruturalista não é impertinente interrogar sobre a mitologia em geral. Uma nova reflexão teórica nos iria permitir, segundo ele, escrever uma verdadeira gramática da linguagem mítica.

É sob a perspectiva da construção de novas interpretações que progride o texto de E.M. Mielefinski, pretexto para uma imensa revisão de conceitos e de poéticas.

(22) Oguibenin, B.L. *Structure d'un Mythe Védique*. Paris, Mouton, 1973.

(23) V. "Problèmes du Mythe et de son interprétation". Paris, Ed. Belles Lettres, 1978 (Actes du Colloque de Chantilly).

(24) V. Backés, Catherine Clément. *Miroirs du Sujet*. Paris, Union Générale d'Éditions, 1975, Col. 10/18; também Starobinski, J. "Le mythe au XVIII siècle" in *Critique*, 366, 1977.

(25) V. *Il mito*. Guida Storica e critica, a cura di Marcel Détiénne. Roma, Ed. Laterza, 1975 e ainda *L'invention de la Mythologie*. Paris, Gallimard, 1981: um livro fundamental.

## Anexo referente à nota 16

A.F. LÓSSIEV (1983-1988), filósofo e mitólogo soviético, procurou na década de 20 construir um modelo universal da obra artística (*Dialética da forma artística*, 1927; *Filosofia do nome*, 1927; *A música, objeto da lógica*, 1927). Pesquisa no mesmo período a apreensão do mundo pelos antigos, em sua totalidade estrutural: *O cosmo do mundo antigo e a ciência moderna*, 1927; *Estudos da mitologia e do simbolismo do mundo clássico*, v. 1, 1930; *Dialética do mito*, 1930. Seus últimos trabalhos se caracterizam por amplas generalizações filosóficas e sociológicas. Houve em sua obra uma interrupção de cerca de vinte anos, nas décadas de 30 e 40, quando não conseguia publicar quase nada, chegando a ser preso e condenado a trabalhos forçados. Trabalhou, no entanto, intensamente em sua *História da estética antiga*, em oito volumes, obra que chegou a concluir poucos meses antes de morrer. Desenvolveu também grande atividade didática.

A.A. POTIELNIÁ (1835-1891), graduou-se em Kharkov e defendeu a dissertação "Sobre certos símbolos da poesia popular eslava". Potiebníá, que compartilhava os pontos de vista da Escola Mitológica, trabalhou com teoria da literatura, folclore, etnologia. Deu grande contribuição para a dialectologia eslava e para a gramática histórico-comparativa. No nível teórico, estudou principalmente a origem da linguagem e as inter-relações entre linguagem e pensamento, entre linguagem e nações. São de particular interesse os estudos de poética e lingüística e seus pontos de vista sobre a linguagem poética, a natureza da poesia e a natureza da arte, em geral. Sua tese principal está na definição da arte como forma de conhecimento, como trabalho de pensamento análogo ao científico. Os teóricos do simbolismo russo tiveram muita ligação com sua obra e nos últimos anos cresceu o interesse pelos seus trabalhos. Eles influenciaram o desenvolvimento dos estudos de linguagem na Rússia, sendo que suas maiores contribuições são no campo da sintaxe. Sua tese de doutorado, *Notas sobre a gramática russa*, trata principalmente de problemas sintáticos; um outro trabalho muito importante é *Notas sobre teoria da linguagem literária*. Potiebníá participou ativamente dos movimentos da cultura ucraniana, cujo desenvolvimento ele viu sempre relacionado com a história da cultura russa. Escreveu um grande número de trabalhos sobre a língua e o folclore da Ucrânia.

A.N. VISSLÉVSKI (1838-1906), filólogo e historiador da cultura e literatura russa. De 1859 a 1869 fez muitas viagens à Europa Ocidental e realizou pesquisas na Espanha, Alemanha, Boêmia, Itália. Professor da Universidade de Petersburgo, a partir de 1872, dirigiu a Seção de Língua e Literatura Russa da Academia de Ciências. Os conhecimentos científicos de V. eram extraordinariamente amplos. Conhecedor da literatura russo-eslava-bizantina e europeia ocidental da Idade Média e do folclore antigo e novo de diferentes povos, da literatura da época da Renascença, da nova literatura russa e ocidental e da etnografia. Tem valiosos estudos sobre teoria do texto e sobre a origem da arte. Publicou em 1859 o primeiro trabalho, sua tese de doutoramento: *Da história das relações literárias de Ocidente e Oriente*; *As lendas eslavas sobre Salomão e Kotovraz* e *as lendas ocidentais sobre Morholfo e Merlim* (1872). Na época do início da atuação científica de Viesselóvski, os estudos literários acadêmicos russos tinham ingressado num novo caminho de pesquisa, em comparação com a anterior escola mitológica encabeçada por Busláiev. Continuando os trabalhos de A.N. Pípin e T. Benfei, que submeteram à crítica as principais tendências desta escola, passa Viesselóvski ao estudo histórico comparativo dos monumentos da literatura e do folclore, procurando estabelecer as "leis" gerais do processo histórico e literário. Nas décadas de 60 e 70 ele desenvolve a teoria da criação histórica dos mitos: *Notas e dúvidas sobre o estudo comparativo do epos medieval*, 1868; *A Mitologia comparada e seu Método*, 1873, que se diferenciou essencialmente da teoria da escola mitológica russa. No trabalho sobre Salomão e Kotovraz e nos *Ensaio de história do desenvolvimento da legenda cristã*, 1875-77, Viesselóvski pesqui-

---

sou o papel dos movimentos heréticos e dos apócrifos na história da poesia popular na Idade Média. Manifestou sempre grande interesse pelo folclore de seu tempo, relacionado com o movimento de libertação dos povos: "Sobre a poesia popular na Itália e outros". Nas décadas de 80 e 90 avaliou negativamente a linearidade das teorias da folclorística europeia então dominante: "Novos livros sobre literatura popular", 1886, e outros. Considerou inaceitável reduzir o desenvolvimento do folclore aos empréstimos (teoria em voga) e criou sua própria teoria sintética dos "fundamentos psicológicos e fundamentos dos costumes": *A poética dos argumentos*, 1897-1906, e "Três capítulos de poética histórica", 1899. Numa série de trabalhos explicou a arte da sociedade "pré-classes" pelas relações de assembléias de linhagens, pelas peculiaridades dos costumes e da ideologia do homem daquela época e ligava alguns elementos do folclore com os processos de trabalho. No último período de sua atuação, Viesselóvski formulou definitivamente a teoria dos princípios históricos do epos: *Novas pesquisas sobre o epos francês*, 1885; *História do epos*, 1884-86, *Notas breves às bílias*, 1885 e 1896, e outros. Nas pesquisas de campo de versos religiosos russos, procurou estabelecer os fundamentos populares antiqüíssimos. Viesselóvski ampliou consideravelmente o círculo de povos e culturas em relação literária mútua. É sem dúvida um grande pioneiro, citado com ênfase por Hippolyte Delehay, também um outro precursor do moderno estudo da narrativa.

OLGA M. FREIDENBERG (1890-1955), teórica da literatura e filóloga. Chamou a atenção em 1923 com o seu trabalho sobre a origem do romance grego e depois com sua tese de doutoramento "A poética do enredo e do gênero (antigüidade clássica)" em 1936. Colaborou com N.I. Marr e I.G. Kamieniéski entre os anos de 1920 e 1930. Realizou um estudo sobre o problema da origem do metro grego e desenvolveu um método genético: a imagem mito-poética, que carrega em si funções cognitivas, é um construto racional, que dá origem a todas as formas de modelização vocabular, atuante e objeto do mundo, e que se manifesta em metáforas concretas do alimento, no caso da morte e do nascimento. Por exemplo, no caso da identificação do "céu férreo", trata-se mesmo de céu de ferro, e não de metáfora poética, pois o processo de transposição ainda não ocorreu. Nos trabalhos de 1940 e 1950, *Lições sobre a introdução à teoria do folclore antigo* (inédito) e *Imagem e juízo* (inédito), Freidenberg examina como se relacionam o nascimento dos juízos e o estabelecimento de categorias práticas; ela utiliza o termo folclore amplamente, como designação do mecanismo que transforma o mito em narrativa, em texto litúrgico.

As construções teóricas de Freidenberg fazem eco em grande parte às idéias de M.M. Bakhtin (a interpretação dos rituais do riso e da natureza da paródia; a teoria do grotesco e outras), que, segundo o próprio Mielefinski, prenunciam as de C. Lévi-Strauss, por exemplo, a consideração sobre o mesmo mitologema em diferentes níveis. Sabemos que a maior parte dos trabalhos de Freidenberg se encontra ainda em manuscrito. Suas obras não são conhecidas no Ocidente, mas ela veio à cena pela publicação recente da sua correspondência com Boris Pasternak, seu primo e interlocutor, traduzida para várias línguas.

A escassa divulgação dos seus trabalhos na União Soviética parece ter relação com sua proximidade em relação às teorias da linguagem de N.I. Marr, que foram condenadas drasticamente em dois artigos de Stálin. Nos últimos anos, porém, os seus estudos vêm despertando grande interesse naquele país.

V.G. BOGORAZ (1865-1936), etnógrafo, escritor, folclorista e lingüista russo. Em 1880 aderiu aos populistas, quando chegou a Petersburgo, com 15 anos. Esteve preso na fortaleza de São Pedro e São Paulo. Iniciou sua atividade científica na década de 90, na região de Kolimá, para onde fora deportado, devido a atividades revolucionárias. Participou de expedições para o estudo dos povos do extremo nordeste da Rússia. Fundador, a partir de 1932, e diretor do setor de História da Religião da Academia de Ciências da URSS. Seu livro de contos de Tchucótia (1899) determinou seu lugar na literatura russa.

N.C. ZOLOTARIÓV (1908), escritor iacuto soviético, concluiu em 1934 a Academia de Educação Comunista. No seu romance *Destino*, representa-se a difícil vida cotidiana dos trabalhadores da Iacútia, em fins do século XIX e começo do século XX. Procura sempre nos seus romances representar a vida dos mais diversos trabalhadores: buscadores de ouro, kolhozianos, etc.

S.A. TÓKAREV (1899), etnógrafo e historiador soviético, doutor em Ciências Históricas, professor de História da Universidade de Moscou. Foi desde 1943 chefe do Instituto de Etnografia da Academia de Ciências da URSS. Seus principais trabalhos lidam com estrutura social, história das religiões e formas de observância religiosa. Teve um interesse muito especial pelos povos da Sibéria. Co-autor de *The Peoples of America*.

I.M. TRÔNSKI (1897-1970). Nascido em Odessa, doutor em Ciências Filológicas, ocupou-se das conexões entre a lingüística e a história, história do grego e do latim na sua relação com a história das sociedades e das literaturas. Também pioneiro ao colocar em foco a linguagem no processo da história.

I.I. TOLSTÓI (1880-1954). Ocupou-se de filologia clássica, antiga literatura grega e folclore, incluindo folclore russo; tratou de origens pré-literárias de obras clássicas, e da orientação dos "gêneros clássicos". Estudou fontes lingüísticas da antiga epopéia grega, assim como textos gregos do Mar Negro.